

Anotações acerca de desterritorializações e percursos formativos de um corpo docente/pesquisador

Cristian Poletti Mossi
Universidade Federal de Santa Maria
Marilda Oliveira de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo explicar algumas reflexões suscitadas no autor acerca de percursos formativos entrecruzados pela docência e pelo exercício da pesquisa. Para tanto, parte-se de sua experiência enquanto docente substituto no ensino superior, no Departamento de Metodologia do Ensino (MEN) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), de 2008 a 2010 e, mais recentemente, enquanto acadêmico de doutorado em docência orientada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) desta mesma universidade. Inicialmente pontuam-se algumas possibilidades de exercício do pensamento proporcionadas pelo conceito de *desterritorialização* em Deleuze (1988/1989) a fim de indagar os processos formativos permeados pelo corpo docente/pesquisador como via de territorializações e desterritorializações em constante devir para, finalmente, apresentar algumas localizações da atual proposta de pesquisa de doutoramento do autor.

Palavras-chave: Percursos formativos do corpo; docência; pesquisa.

Desterritorializações formativas

Ao todo, somam-se cinco anos. É claro que, se pensarmos a partir de Fernando Pessoa, não é a quantidade, mas a qualidade do tempo vivido que definem nossas experiências como algo valioso. Eu prefiro acreditar que, sempre é possível aprender alguma coisa, tomando o espaço como uma dimensão mais importante que o tempo naquilo que vivemos.

Falo de duas experiências que se entrecruzam, que se passam e atravessam meu corpo. Como diria Bondía (2002), não só acontecem, mas me acontecem. Afetam-me, no sentido Spinozista (2010), aumentando e/ou diminuindo minha potência de agir. A primeira experiência (primeira, porque temporalmente aconteceu primeiro) foi minha atuação enquanto professor substituto no Departamento de Metodologia do Ensino (MEN) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), universidade esta onde vivenciei toda minha formação em nível de graduação e pós-graduação até o momento. Também é nessa universidade onde atualmente curso doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) sob orientação da Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira. A segunda experiência diz respeito a, enquanto acadêmico de doutorado (Bolsista

CAPES), atuar enquanto docente orientado assumindo alguma porcentagem de aulas frente às disciplinas originalmente ministradas por minha professora orientadora na graduação. Nesse período, trabalhei desde disciplinas teórico-metodológicas no campo da educação das artes visuais, até a orientação de estágios curriculares supervisionados.

Antes de mais nada, gostaria de deixar claro que, o objetivo deste texto não é o de contar minuciosamente como foram tais experiências e o que foi desenvolvido nelas como num passo-a-passo. Talvez isso possa gerar um outro texto, escrito em outro momento. Seu objetivo imediato é mais o de, a partir do que ocorreu, lançar algumas linhas reflexivas, gerar, produzir e operar conceitos para produzir um exercício do pensamento (DELEUZE, 1992) com eles. É discutir a reflexão e as marcas da experiência vivida e não a experiência em si.

Como nenhuma experiência deixa nosso corpo ileso, tampouco as coisas que produzimos com ele, foi inevitável durante o período mencionado, tecer inúmeras relações entre o que eu estava ensinando/aprendendo nas disciplinas que ministrava nesses cinco anos e minhas próprias questões investigativas agora desenvolvidas durante a pesquisa de doutoramento, as quais explicitarei melhor a seguir. Nesse sentido, este texto não pretende ser apenas um relato, embora possa ser assim pensado e até mesmo confundido. Pretende ser mais uma passagem, uma precipitação, um espaço de tensões e proposições que se dá a ver através de relações e conexões entre o que tenho vivido e como tenho assim me constituído, produzido meu corpo enquanto docente/pesquisador, afetando assim a outros corpos no campo da educação das artes visuais. Este texto é a reterritorialização fugidia de um território que está sempre em vias de se constituir em outro, de se desterritorializar.

Conforme pondera Deleuze (1988/1989) em seu Abecedário (série de entrevistas concedidas a Claire Parnet), “não há território sem um vetor de saída do território e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte”.

Em Mil Platôs, Deleuze juntamente com Guattari (1996) lançam alguns “teoremas de desterritorialização”, entre eles o primeiro que me chama muito atenção e que mais me interessa nesse momento para pensar os percursos do corpo docente/pesquisador na trajetória formativa, ela própria enquanto constituição

de territórios que estão sempre em vias de se desterritorializar. Os autores ponderam que jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo em dois, entendendo que, inclusive a solidão é imensamente povoada. Ou seja, os encontros profícuos que temos nessa jornada (não somente com pessoas, mas com coisas: objetos, visualidades, textos, entre outros) são fundamentais para que algo nos desperte o vetor de saída de nossas estabilidades para constituir novos espaços, novas ideias, até mesmo novos trajetos que não serão valorativamente melhores nem piores, mas sempre diferentes uns dos outros, um puro fluxo de devir¹.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: *que conformações territoriais são expressas por nossos deslocamentos formativos? Ou ainda, que fronteiras negociamos (destruímos, avançamos) ao contornar-nos, ainda que provisoriamente? Como pensar nossa existência, nossa formação e nossos fluxos de devir enquanto imagem que está em processo de rascunho eterno, enquanto movimento de ir e vir que produz nosso corpo e assim diferentes territórios?*

Quando nos desterritorializamos, estilhamos nossos contornos para constituir outros. O território pode ser analisado enquanto espaço no tempo não estanque que engloba tensões internas múltiplas e oferece contornos os quais estão em autoformação constante, tal qual a própria individualidade. O movimento de desterritorialização é sempre imposto por um disparador, interno ou externo de qualquer natureza, inclusive imagético, que nos possibilita abandonar nosso lugar atual para constituir outros.

Sobre uma pesquisa e um corpo (sem órgãos) em devir

Deleuze e Guattari (1995b) propõe pensar que todo o estrato é constituído por formas de conteúdo – misturas de corpos² – as quais estão sempre em pressuposição recíproca a formas de expressão – mistura de expressos incorporais de toda a ordem, um interferindo sobre o outro, porém jamais um sendo confundido com o outro.

¹ Compreendo devir ao modo de Deleuze e Guattari (1997), não como um processo de mimese para chegar a um modelo, mas um fluxo contínuo que simplesmente devém, onde aquilo com que alguém se transforma muda tanto quanto ele próprio.

² Os autores dão, a partir da filosofia estoica, a maior extensão para palavra corpo, entendendo-o como todo o conteúdo formado. Ou seja, não está ligada somente ao corpo humano, orgânico.

Há estratos por todos os lados, assim como há territórios. Não há como fugir completamente dos estratos, contudo, todo estrato (bem como todo o território) possui um vetor de desestratificação, voltado para um plano de consistência onde só há linhas de fuga, matérias não formadas e intensidades desestratificadas.

Explico-me: pensemos, por um instante, nossos campos de atuação – podemos nos reportar especificamente ao campo da docência e da pesquisa ligada à educação das artes visuais, já que é o que estou me propondo aqui a discutir – envolvida em estratos que se territorializam enquanto formas de conteúdo (agenciando corpos, pessoas, espaços, lugares, conjuntos arquitetônicos que produzem saberes e os colocam em prática) e formas de expressão (teorias, conceitos e métodos os quais são cuidadosamente tecidos a fim de interferir diretamente nos corpos envolvidos em tais ações). Se partirmos do que propõe os autores, nenhuma dessas instâncias é completamente fixa, cristalizada, ou seja, elas se interpenetram não podendo ser completamente separadas. Quanto aos estratos que elas compõem, apresentam sempre a possibilidade de se desestratificar, de serem precipitados ou arrastados num movimento de dissolução – dissolução esta não no sentido de serem extinguidos, mas de se tornarem sempre outra coisa em um movimento de devir contínuo.

Há aí algo que podemos associar ao que Deleuze e Guattari (1996) buscam em Artaud para pensar uma experimentação, uma fabricação de um corpo sem órgãos. Dessa forma, evidenciam que a mesma não se trata de um mero conceito, mas sim de uma prática a qual envolve não unicamente o corpo físico, biológico, cotidiano, mas especialmente o corpo que serve de plano de imanência/consistência para o desejo³. O corpo sem órgãos não declara guerra aos órgãos, mas ao organismo hierarquizado, não é o corpo físico nem se confunde com ele, porém dele precisa para que as intensidades ocorram.

Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, isto não em nome de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas. O campo de imanência não é interior ao eu; mas também não vem de um eu exterior ou de um não-eu.

³ Na perspectiva esquizoanalítica de Deleuze e Guattari, o desejo não é a falta e nem depende de fatores unicamente externos tal como na perspectiva psicanalítica (falta de algo, de alguém, de alguma coisa), mas sim produção de intensidades (ideia de fábrica, usina), imanência.

Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais o eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p 18).

É nessa perspectiva que minhas atuais ocupações de pesquisa consistem em pensar: *que tipos de maquinarias⁴ seriam possíveis se déssemos vazão à proposta de fabricação de um corpo sem órgãos, enunciada por Artaud e evidenciada por Deleuze e Guattari, a fim de fazer com que algo fuja, escape, vaze dos estratos que envolvem o campo da educação?*

Num caráter ainda especulativo, já que se trata de uma pesquisa em andamento, podemos conciliar que, pensar a formação, ou se preferirmos, nossos percursos formativos e pesquisas desenvolvidas em meio a eles ou ainda o próprio exercício da docência como uma prática que interage com a experimentação de um corpo sem órgãos, implica entendê-los não enquanto um receituário, ou como um modelo a ser seguido, mas sim enquanto práticas que se desenvolvem e que são construídas através de devires, singularidades, individualizações os quais buscam antes a multiplicidade, ou seja, a “inexistência (...) de unidade que sirva de pivô no objeto ou que se divida no sujeito” (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 16). Não há, portanto, a universalização de qualquer procedimento ou método que seja.

Nesse sentido, tenho pensado os processos e percursos formativos, entrecruzados por encontros de toda a ordem entre corpos provocadores de afetos (SPINOZA, 2010) os mais diversos, os quais aumentam ou diminuem as potências de agir dos corpos com os quais se encontram.

Nesse processo, há sempre uma mistura díspar e sem hierarquia entre corpos e atributos incorporais que o compõe. Poderíamos entendê-lo como o agenciamento entre linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades e, claro, por outro lado, linhas de fuga e de desestratificação desses estratos, desterritorialização dessas territorialidades (DELEUZE & GUATTARI, 1995a).

Nos devires, há também inúmeras invenções de caminhos possíveis, caminhos que se constituem como desvios. Há sempre aquilo que escapa, que foge à usualidade da tentativa de totalidade e que pode passar a ser produtivo na

⁴ Segundo Deleuze e Guattari (1997) há máquina sempre que há um agenciamento prestes a se desterritorializar, a produzir variações e mutações.

improdutividade. Blanchot (2010, p. 60) contribui com tal imagem ponderando que “a questão a mais profunda, é esta experiência do desvio no modo de um questionamento anterior ou estranho, ou posterior a toda a questão”.

Nesse sentido, ao retomar minha experiência enquanto corpo docente/pesquisador, percebo que ela não é feita em uma só direção ou dimensão, tampouco busca um ideal. Há retornos, cruzamentos, circularidades e esquecimentos os quais são de uma grande potência inventiva, oferecendo-me inúmeros fragmentos que geram colagens, camadas e sempre novos disparadores de desterritorializações.

Referências

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. São Paulo: Escuta, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº19, Jan/Fev/Mar/Abr/2002.

DELEUZE, Gilles. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

DELEUZE, Gilles. *Conversações* [tradução: Peter Pál Pelbart]. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética* [tradução e notas de Tomaz Tadeu]. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.